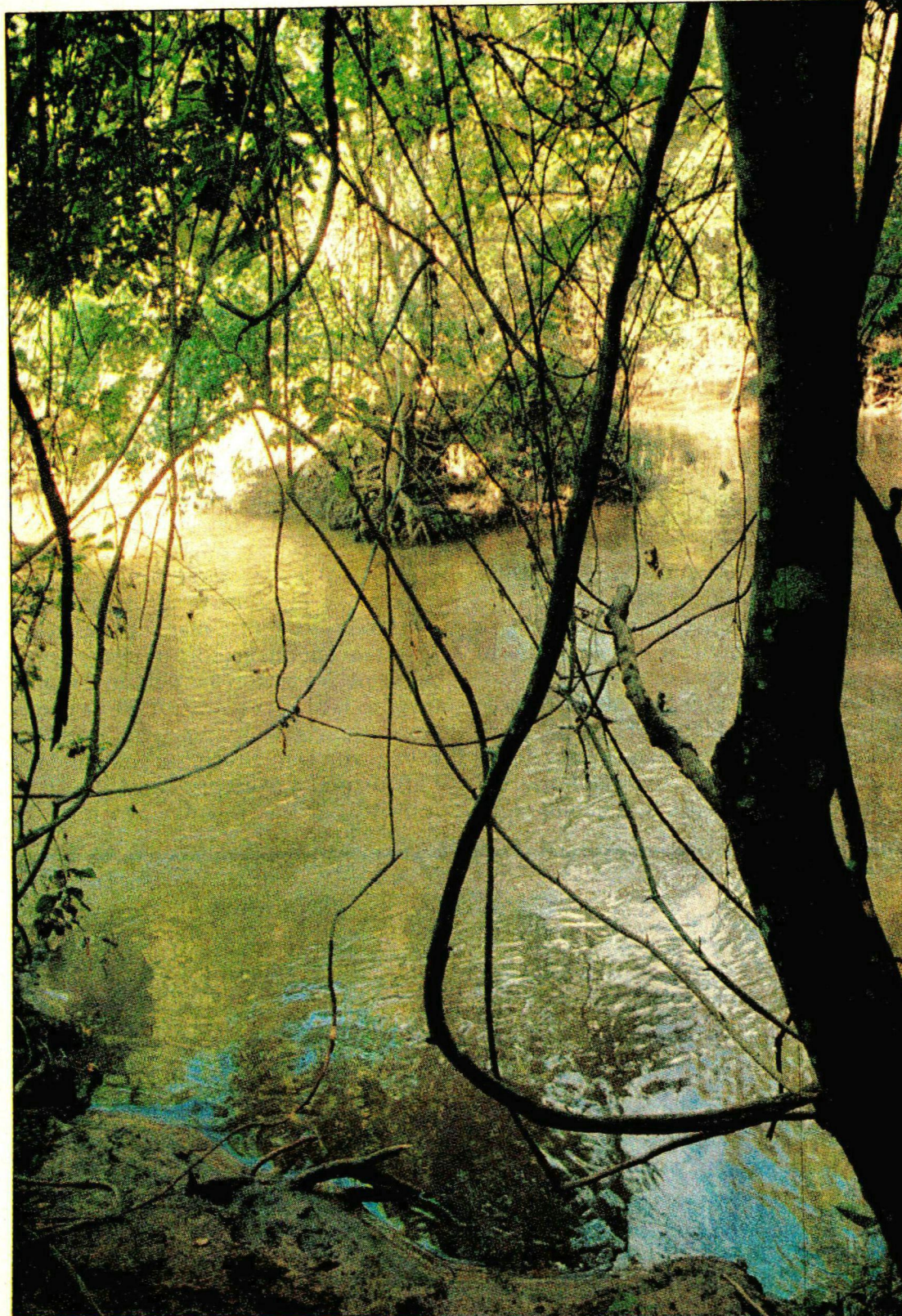


# Vida silvestre em perigo

FOTOS: MARY LEAL



TODOS os dias, milhares de aves chegam ao local e usam o espaço para descanso e alimentação

MAMÍFEROS E AVES QUE SE UTILIZAM DO SANTUÁRIO DO RIACHO FUNDO, PODEM FICAR SEM O ESPAÇO NATURAL

NELZA CRISTINA

**B**em próximo do brasiliense há um lugar paradisíaco, onde as capivaras vivem naturalmente em bando e os macacos ainda pulam entre as árvores. Levantamento realizado pela equipe da Fundação Pólo-Ecológico cadastrou 33 espécies de mamíferos no Santuário de Vida Silvestre do Riacho Fundo, cuja área de 480,12 hectares chega aos fundos do Jardim Zoológico.

O trabalho, que vem sendo realizado desde 1997, constatou que as capivaras, com uma população de quase 200 animais, e os macacos-prego, que somam cerca de 25, são, entre os mamíferos, os mais abundantes no Santuário. Mas, uma das maiores riquezas do lugar são as aves, num total de 189 espécies. Segundo o funcionário da Fundação Gustavo Péres Aguiar, o Santuário abriga muitas aves migratórias, que passam pela cidade e usam o local para descanso e alimentação. Algumas são do próprio Zoológico, que seguem para lá à noite, para fazer companhia às corujas, moradoras antigas. Gustavo conta que até uma anta está morando no Santuário, que também tem quatis, cotias e outros animais.



RIO QUE corta a região é o primeiro a sofrer com a poluição

Mas nem tudo são boas notícias. O Santuário enfrenta problemas com a vizinhança, que não tem preservado sua condição de Área de Relevante Interesse Ecológico (Arie). O resultado é a poluição, entre outros problemas. O Riacho Fundo, que corta o parque e dá nome ao lugar, está muito sujo, apesar de não existirem, de acordo com Gustavo, análises sobre a qualidade da água. "Achamos muitos pneus de carro, estrado de cama, mangueira, caixotes de frutas e tudo que se imaginar dentro da água", conta Gustavo, que é estudante de Biologia. Muita coisa foi jogada ali pelos moradores de áreas próximas, como alguns dos que vivem no Acampamento da Telebrasília, em chácaras próximas à Candangolândia e até em mansões do Lago Paranoá, bairros vizinhos ao Santuário.

Por enquanto, a Arie do Riacho Fundo permanece como um local fechado para pesquisadores e pequenos gru-

pos. A intenção da Fundação Pólo-Ecológica é abrir trilhas e liberar o espaço para visitas, mas tem encontrado algumas dificuldades. A principal são os carrapatos. Na área próxima é mantido um abrigo de cavalos, o que acabou infestando a área de carrapatos. "Primeiro, eles passaram para as capivaras e agora estão em todo lugar", conta Gustavo, lembrando ser impossível, por exemplo, levar um grupo de crianças para passear no local.

Para o estudante de Biologia, as pessoas não têm idéia em Brasília da importância do Santuário. Por isso, ele considera fundamental a realização de um trabalho de conscientização ecológica, principalmente com a vizinhança. "Quando as pessoas conhecem, aprendem a respeitar", acredita ele. Conhecer, para Gustavo, significa saber, por exemplo, que a Arie do Riacho Fundo é conhecida como um corredor da fauna, que sai de outras reservas para um destino ainda mais distante, e como suporte na manutenção dos animais do Zoológico.

